

O bicho vem com a marca do nome

Poli Pieratti

7 Novembro —
23 Dezembro 2024

*Aos seis, sete anos, eu vi
um cavalo, um cavalo de corrida.
Senti então que não há ninguém
mais nu do que certos cavalos.
Geni, Toda Nudez Será Castigada*

Aos seis, sete anos, Poliana conheceu um cavalo batizado *Meia Lua*, que trazia a própria meia lua desenhada na testa. Descobriu que era assim porque ouviu alguém chamando e o animal respondeu.

« Essa cena ela conta batendo os pés no chão, fazendo som de casco. »

A partir daí, começou a saber que o bicho vem com a marca do nome.

A artista brasileira sempre esteve com os olhos abertos às estruturas que davam forma ao seu entorno. Nascer e crescer em uma cidade artificial, escrupulosamente planejada, convoca atenção ao chão. Uma cidade que, enquanto mito de origem, nega o próprio território. Em citação livre à artista e pesquisadora Ana Vaz, « (...) *O problema da utopia é o « U » antes do « Topia ».* É o « U » que nega o topos. De uma forma muito concreta, podemos pensar no número de árvores endêmicas do cerrado que foram removidas em caminhões, transformando o topos em um « u-topos », negando a topografia local. »

Poliana faz o gesto oposto. Algo como um *site-specific* genealógico, arquivístico, onde o resgate do espaço expositivo convoca a narrativa. É a escuta atenta das paredes. O desejo de endereçar a história, as dimensões, as palavras e etimologias do espaço que a convida para entrar. Em sua última exposição, *A Terra do Mar*, foi o prédio tombado de Ramos de Azevedo que trouxe as perguntas para a boca e o trabalho para as telas. Aqui, é o nome da galeria que convida os pincéis, e traz o ímpeto de desnudar a palavra até uma origem possível.

Como preencher a moldura que está dada? Como entrar no espaço pelo meio, fazer o corpo correr por dentro, encarnar a inscrição? Impregnar-se de si toma tempo e exercício. Como escreveu o frade e filósofo Guilherme de Occan, « *O homem só muito lentamente aprende o seu nome.* »

A imagem pioneira do cinema foi a de um jóquei em

montaria. Foram necessárias 24 câmeras escuras no século dezenove para descobrir a mecânica da marcha do cavalo. *The Horse in Motion*, do fotógrafo Edward Muybridge, é uma tentativa exaustiva e bem sucedida de fotografar pela primeira vez um galope quadro a quadro, descobrindo que sim, por alguns instantes, todo cavalo que corre, voa. Por vezes, as coisas bonitas são verdade.

Já o cavalo com asas, que voa por tempo contínuo, nasceu de uma gota de sangue da cabeça cortada de Medusa. Essa gota, encontrando o mar, formou uma espuma branca. É dessa mesma espuma, ácida e furiosa, que surge Pegasus, aladíssimo. Um silêncio em voz alta.

É nesse instante do pulo, entre o céu e a água, que Poliana aposta.

O branco da onda explode no rodapé e toma conta das paredes. Os cavalos da artista também surgem da água, escorrendo no pastel seco, nascendo do conta-gotas. Artificialmente, escrupulosamente, pinga e esconde os animais nas paisagens de nuvens inundadas. Com as mãos, reveste de cor o que é indomável.

Em troca de cartas com Clarice Lispector, Fernando Sabino conta de um sonho que teve com a escritora. No sonho, Os dois conversam sobre o novo livro de Octávio de Faria, e ele diz que « *Tudo tem um nome e mesmo a fera tem um nome que Octávio não sabe.* » Insiste. « *Tem um nome, Clarice, esta fera tem um nome. Eu sei o nome da fera!* ». Clarice, no próprio sonho, responde « *O importante não é o nome, o importante é tudo que existe.* »

Penso se é o bicho que traz a marca do nome ou se é o nome que se inscreve a partir do bicho, se é a onda que cria o cavalo ou se é do cavalo que nasce a onda, se as telas são janelas para os animais livres ou se é o cavalo que faz da sala coisa viva onde se pode galopar.

O importante é que trote, nua e inegável, a palavra impossível que nos movimenta.

Em pacto com a imensidão,
azul e longa,
ter quatro patas é um compromisso com o horizonte.

Sofia Badim